

A Negação

RICARDO LUIZ MARÇAL FERREIRA

RESUMO: A proposta deste ensaio é a de apresentar algumas reflexões derivadas do texto de Freud, A negação (1925), buscando realçar a complexidade do termo, ao mesmo tempo um mecanismo de defesa e um elemento de formação e fortalecimento do eu.

PALAVRAS-CHAVE: Negação; Mecanismo de Defesa; Subjetividade; Formação do Eu; Liberdade.

Bergson, talvez menos enganado pela linguagem ou pela dialética, não via no nada senão uma palavra, uma pseudoideia, que seria obtida por negação da ideia de ser, a qual só pode ser pensada positivamente. Ele sem dúvida tinha razão, o que não prova que possamos prescindir totalmente dessa pseudoideia.

Na noite clara do Nada da angústia, escreve Heidegger, ‘mostra-se enfim a manifestação original do existente como tal: a saber, que existe o ente – e não o Nada... O nada é condição que torna possível a revelação do ente como tal para a realidade humana (Dasein). O Nada não forma simplesmente o conceito antitético do existente, senão que a essência do Ser mesmo comporta desde a origem o Nada. É no ser do ente que se produz o nadear do Nada’ (O

Aluno do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

que é a metafísica?). Pelo que o pastor do ser, como Heidegger diz do homem em outra passagem, se torna ‘a sentinela do Nada’... Bergson, volte logo: eles endoideceram! (COMTE-SPONVILLE, 2003)

.....

Quase todos os homens são escravos pela razão que os espartanos davam pela servidão dos persas, a incapacidade de pronunciar a sílaba não. Saber pronunciar essa palavra e saber viver sozinho são os dois meios únicos de conservar a liberdade e o caráter. (CHAMFORT, 1741-1794)

Dentre muitas aproximações possíveis, duas parecem-me afluír com maior nitidez do texto de Freud de 1925, “A Negação” (*Die Verneinung*), tido por uns como enigmático (profundamente sintético?) e por outros como sinteticamente profundo.

Uma primeira - mais óbvia - que enfatiza a inexistência do não no inconsciente, para o qual tudo existe em estado de afirmação, de ser, de existência. E, portanto, quando está o analista diante de uma denegação (a respeito de um sonho o analisando diz sobre figura que nele aparece - “não é a minha mãe”, tem-se, por oposição, que “é a sua mãe”), defronta-se com situação em que a ideia recalçada, para aparecer na consciência, impõe uma condição: a de ser expressa por uma negação. Com o quê se mantém vivo o cerne do recalçado, mercê de um *approach* meramente intelectual, que enseja uma mera e transitória suspensão do recalçamento.

Estar-se-ia diante de um mecanismo de defesa.

Uma segunda - mais densa e complexa, sobre a qual pretendemos nos deter mais, porque é a parte mais fascinante que escorre do texto - segundo a qual a negação não representa por si só tentativa de camuflagem, de evitação de um conteúdo inconsciente que principia, ainda que sob o disfarce da fórmula negativa, a aparecer no sistema PCs./Cs.; em última análise, a expressão de um afã destrutivo.

Tornando-se possível o estabelecimento de gradações quanto ao que se nega, poder-se-ia conjecturar uma intensidade do movimento negatório: da

radical recusa de tudo (movimento psicótico) até uma negação parcial (necessária), que afasta, mas, ao mesmo tempo, mantém o objeto negado internalizado.

Da leitura do texto, o que mais captura a atenção é, justamente, a questão da intensidade e do aspecto dual entre afirmação e negação.

A negação, desde que parcial, fica fácil ver, constitui o fundamento necessário para que o aparelho psíquico desenvolva-se.

A permanência no estado indiscriminado (manutenção do estado beatífico, mítico, informe, fusional/simbiótico mãe-bebê) não daria possibilidade da aparição da subjetividade, do individual, a emergir do todo de onde provém. Para que a negação ocorra - e aqui valemo-nos de uma chave hegeliana - é necessário, porém, que tenha havido uma afirmação primeira ou primitiva, se se preferir, e que, a partir da fixação dessa primeira premissa (uma espécie de marco zero), surja a possibilidade de negação, que só poderia se operar via expulsão. Sem essa primeira admissão, com a conseqüente evacuação, não se tem como começar o “jogo” do psíquico.

A partir desse primeiro estágio, pode ocorrer a percepção da separação eu/outro, donde se estabelece a possibilidade do juízo, segundo o qual se pode estabelecer o esboço da percepção entre o espaço interno (dentro) e o externo (fora). E daí, subsequentemente, a noção de bom e mau, germen do sim/não palavra: acolho o que é bom (incorporo o que me gratifica - digo sim); nego o que é mau (ejeito o que me agride - digo não).

Estágio seguinte a esse está na possibilidade de passar disso a um exame de negação ou afirmação de algo que dá ensejo a uma representação. Uma espécie de juízo de avaliação (julgamentos), que não tem por base a valoração objetual (apenas bom/mau), mas da realidade como alimentadora do universo representacional. E isso, a nosso juízo, passaria a ser possível porque o que está fora (no real), já tem uma matriz simbólica incorporada, decorrente da primeira afirmação, a qual se seguiu a primeira expulsão.

No texto objeto de análise há, além da questão da intensidade do movimento de negação, sempre essa relação dual. Uma espécie de jogo com duplo vértice, que, entrelaçado à questão da intensidade, dá a entender que dele se poderia extrair a noção de estrutura psíquica neurótica e psicótica.

A primeira oriunda da aceitação, ou unificação, ou afirmação originária,

com o estabelecimento do processo de negação parcial e, portanto, da possibilidade de criação de um universo simbólico. A segunda que, ressentindo-se dessa admissão primeira, opera num estado de negação radical, estando enfraquecida a possibilidade de formação da capacidade simbólica (o real assume total força e ineditismo: não seriam reencontros que se produziriam no encontro com a realidade, mas estranhamentos radicais).

Parece, assim, simplista demais tomarmos ao pé da letra que a afirmação (unificação) estaria a serviço de *Eros*, enquanto que a negação estaria, *tout court*, a serviço de *Tanatos*. Tão niilista quanto afirmar sempre é negar sempre. Portanto, o gradiente máximo de cada posição – o sim absoluto e o não absoluto – equivalem. Ambos dariam ensejo ao informe, a uma espécie de nadificação.

O ponto que vale ser inferido e destacado do texto de Freud, objeto da presente análise, é que o não (palavra), sem o radicalismo (ou seja, a negação parcial), é que engendra a possibilidade de desenvolvimento mental. Se a negação radical representa empecilho maior para que isso se dê, a dialética sim/não, ausente o absoluto, é sua *raison d'être*. É só a partir desse intercâmbio, deflagrado desde o recalque originário (ficto), que a função do pensar pode se desenvolver.

A negação representa a possibilidade criativa ante do todo afirmado, o todo da existência. Seria impossível sem a negação a aparição do sujeito. E é o não (palavra) que põe essa roda a girar. Ser sujeito significa primeiramente ser e para ser é preciso negar o todo, a fim de que se possam progressivamente instituir pertencimentos e filiações a classes (exclusão progressiva de parte do todo), o que se opera, segundo pensamos, a partir da boa incorporação do não simbólico. A multiplicidade de intersecções possíveis, a partir das muitas exclusões feitas, faz eclodir uma suposta unidade. O não (não parcial!) representa, em certa medida, o limite, a castração, a falta diante de um outro, considerado suficiente, bastante, total: o eu que aparento ser é o que emergiu a partir das múltiplas negações. Enfim, dou pistas do que sou, revelando tudo aquilo que não sou.

Mas, curiosamente – e aqui é que a coisa pode ser realmente fascinante – esse eu criado (esse sujeito), haurido a partir de negações e antagonismos intermitentes – é – e só pode ser – uma espécie de simulacro destinado a revelar atributos que sugerem permanência, solidez, limites, mas que, da mesma

forma, mascara tudo aquilo que foi antes negado (parcialmente), e que permanece conservado e, assim, vivo em nível inconsciente.

E, sendo assim, podemos agora empreender um retorno ao início: se o não (*o simbolismo da negação*) é o que permite a subsunção ao limite (*à Lei em sentido amplo*), e, portanto, à estruturação do sujeito, a sua suspensão é o que permite a visualização do que jaz sob a proteção do recalque.

É o exercício analítico da negação da negação (portanto, uma positividade, tal como sugerida por Bergson, no excerto que abre o presente trabalho) que permite uma possível aproximação frente ao que está recalcado, ampliando o espaço mental, fortalecendo a subjetividade. Dito de outro modo, poderemos dizer à moda de Sartre, que quanto mais julgo ser fixamente o que sou (com radical negação de tudo que não sou), mais empobrecido fico, mais o imbecil categorial (O homem governado pela má-fé!) me ronda, pois uma excessiva rigidez identitária produziria, ao fim e ao cabo, um determinismo comportamental de tal monta que o traço constitutivo humano central – a possibilidade de escolha (de dizer sim ou não) – ver-se-ia cada vez mais enfraquecido.

A negação é um meio de tomar conhecimento do recalcado. Talvez mais direto e flagrante do que o nuançado sintoma. Mas é ela (negação neurótica; não a radical, equivalente à recusa da realidade) que, além de ser estruturante do sujeito, é também a matriz da liberdade humana e da angústia existencial que a ela subjaz.

Como dizem Laplanche e Pontalis (2001, p.295), ao término da análise do verbete “negação”, “por meio do símbolo da negação, o pensamento liberta-se das limitações do recalque”, e indo além pode-se dizer o mesmo em relação ao mundo externo. É através da possibilidade de negar que se alcança alguma liberdade. Analisando o clássico “Discurso da Servidão Voluntária”, de Etienne de La Boétie (amigo precocemente falecido de Montaigne), Marilena Chauí (1986, p.192) sintetiza com felicidade a saída da dominação:

A servidão voluntária não percorre um caminho, trabalha para traçá-lo. Não havendo paradigma a recuperar nem positividade a restaurar, compreende-se que o avesso da contrafação servil não seja uma realidade determinada, um regresso à ‘boa mãe’ natureza, mas atividade de pura negação: não servir.

A força para suspender os nossos nãoos internos é a mesma geradora da potência para colocar os devidos nãoos às demandas externas, matriz da liberdade e da individualidade.

Negation

ABSTRACT: *The purpose of this paper is to review “Negation” (FREUD, S., 1925), trying to emphasize the complexity of the term, at the same time a defensive mechanism and an important element in the process of the ego identity formation and strengthening.*

KEYWORDS: *Negation; Defensive Mechanism; Subjectivity; Identity Formation; Freedom.*

REFERÊNCIAS

- CHAMFORT, S-R-N, *Máximas e Pensamentos & Caracteres e Anedotas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009, p. 92
- COMTE-SPONVILLE, A. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003
- DE LA BOTIÉ, E. *Discurso da Servidão Voluntária*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 192 (Com comentários de Claude Lefort, Pierres Clastres e Marilena Chauí.)
- FREUD, Sigmund (1925). A negação. In: *Obras Completas*. (Tradução Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, p. 275-282.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1995). Inconsciente. In: *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. v. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., p. 280-287. (7ª. reimpressão.)
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, Michel, *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.295
- SARTRE, J-P. (1945). *O Existencialismo é um Humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 23 - 33.

Ricardo Luiz Marçal Ferreira
Rua General Jardim, 846 - 4º. Andar
(11) 2649 7306
ricardo@rlmferreira.com.br